



FENOMENOLOGIA: uma discussão em Merleau-Ponty

Carlos Roberto Pereira Dias, Cibele Sousa Santos

Introdução

Procuraremos neste trabalho levantar algumas discussões sobre a fenomenologia, destacando as contribuições de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), trazendo algumas discussões que compõem sua originalidade, tentando mostrar também como se deu o advento deste método, desta filosofia - a fenomenologia - em fins do século XIX e início do século XX. Tentaremos ainda, de forma breve e inacabada, como o próprio Merleau-Ponty nos propõe em seu método fenomenológico, tecer algumas críticas à racionalidade instrumental e à ciência, mostrando a incredulidade deste autor quanto a uma possível superação dos problemas da sociedade via razão, via conhecimento.

A fenomenologia

A fenomenologia, segundo Merleau-Ponty, consistiria em estudar as essências, portanto os problemas que segundo ela, estariam todos relacionados com a tentativa de estar definindo essências. Assim, a fenomenologia busca definir a “essência da percepção, a essência da consciência”. A fenomenologia é também uma filosofia que “repõe as essências na existência”. Para que se torne possível a compreensão do homem e do mundo, faz-se necessário ter como ponto de partida o homem em sua vivência no mundo.

É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.1)

A leitura de Merleau-Ponty não só se justifica pela relevância de sua contribuição para muitos problemas filosóficos atuais, mas, sobretudo porque através dela entramos no próprio processo da Filosofia, cuja tarefa é, levar-nos a reaprender a ver o mundo. Não existe em suas obras a ideia de um algo fechado, perpassa em sua obra a noção do aberto, não há nada definitivo.

A fenomenologia tem como preocupação central descrever nossas experiências tais como elas são, tentando sempre retirar as máscaras que são colocadas nas coisas. O lema da fenomenologia, proposta por Edmund Husserl (1859-1938), seria buscar as coisas mesmas, e este buscar as coisas mesmas consiste em ver as coisas desnudadas, desmascaradas, como elas são em sua essência. É voltar ao mundo anterior à reflexão, voltar ao irrefletido, ao mundo vivido, sobre o qual o universo da ciência é construído.

O método fenomenológico progride a partir desta premissa, que é preciso olhar as coisas de uma maneira natural. Que as coisas vistas de maneira natural, são apenas coisas desnudadas, desmascaradas. A realidade desnudada sem o manto dos significados, mostra as coisas como elas verdadeiramente são. A tarefa da Fenomenologia é revelar este mundo vivido antes de ser significado, mundo onde se descortinam nossa história, nossas ações, nosso engajamento, nossas decisões.

Surgimento da fenomenologia

A crise da ciência que pode ser observada desde 1900, que tinha como ponto de discussão a criação de um método rigoroso, crise tanto da ciência do homem quanto da filosofia, faz com que Husserl, considerado o pai da fenomenologia, se ponha na busca de um novo fundamento para as ciências. Desde seus primórdios, a fenomenologia se apresentou como uma tentativa para resolver um problema, problema este que ainda não superamos. “Com efeito, o esforço filosófico de Husserl, em seu espírito, destinou-se a resolver, simultaneamente, uma crise das ciências do homem e uma crise das ciências simplesmente, da qual ainda não escapamos.” (MERLEAU-PONTY, 1973, p.15)

Crise interna das ciências humanas, crise interna da filosofia e crise mútua entre ambas: numa espécie de luta pelo poder, estabelece-se a “guerra fria” entre o mito da filosofia e o mito do saber científico.

A antiga oposição das categorias “subjetividade e objetividade”, “interioridade e exterioridade” etc, originando uma distinção e separação radicais entre a filosofia e as ciências, como se cada qual coubesse a exclusividade de um dos polos (às ciências, o



“objetivo” e à filosofia, o “subjeto”), ver-se-ia decisivamente abalada a partir do momento em que se organizavam sistematicamente certas ciências cujo “objeto” era precisamente o “sujeito”. (MERLEAU-PONTY, 1973, p.10)

A fenomenologia, proposta por Husserl, pretende oferecer condições para conduzir as ciências e a filosofia (erigida também esta em “ciência de rigor”) a caminhos onde não apenas “sejam possíveis”, como ainda, sem prejuízo de sua autonomia, “se entrecruzem e se interdependam.” Esta intenção, que percorre a obra de Husserl, está presente no trabalho daqueles que seguiram os passos da fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1973, p.10). Trata-se de descobrir um método que permita pensar, tanto a exterioridade que é o princípio mesmo das ciências do homem, quanto à interioridade que é condição da filosofia.

Husserl parece-nos exemplar pelo fato de, talvez melhor do que ninguém, ter sentido que todas as formas de pensamento são de certa maneira solidárias, que não há necessidade de destruir as ciências do homem para fundar a filosofia, nem de destruir a filosofia para fundar as ciências do homem, que toda ciência segrega uma ontologia e toda ontologia antecipa um saber e, por fim, que cabe a nós entrarmos num acordo e procedermos de maneira que a filosofia e a ciência sejam ambas possíveis. (MERLEAU-PONTY, 1991, p.105)

A fenomenologia nasce, portanto, num período de crise. Nasce com a finalidade de se tornar um método rigoroso, que possibilitasse uma nova forma de entender a realidade. O real e a verdade se encontram no mundo vivido, onde se processa as interações sociais, toda e qualquer reflexão são posteriores ao mundo. “A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.3)

A fenomenologia, segundo Husserl, tem como preocupação descrever, não de explicar ou de analisar. Tal ensinamento, onde colocava a fenomenologia como sendo uma psicologia descritiva ou de retornar as coisas mesmas, marcaria a desaprovação deste método em relação à ciência.

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda. (MERLEAU-PONTY, 1999, p.3)

Sobre essas perspectivas que Merleau-Ponty constrói o seu ponto de vista, utilizando-se da fenomenologia, concordando e discordando de Husserl em alguns pontos. As obras de Merleau-Ponty constituem-se uma única obra, da qual ele a todo tempo buscou se empenhar.

É por seu constante empenho em compreender poucos temas que podemos dizer que ele era “rico em sua pobreza”: rico por trabalhar bem os poucos temas que o fazem singular em seu pensamento; pobre porque não trabalhava com temas variados.

Merleau-Ponty e sua fenomenologia

Merleau-Ponty, talvez mais que qualquer filósofo de sua geração, manifestou com vigor qualidades primordiais de autêntico filósofo: a perplexidade diante do mundo e a vontade constante em reaprender a ver este mundo. O caráter inacabado de sua obra não é definido unicamente pela inesperada interrupção causada pela sua morte prematura, em 1961, mas o próprio Merleau-Ponty não deixou de insistir (aliás, como seu mestre Husserl já o fizera), no caráter incoativo da filosofia, do incessante recomeçar da tarefa filosófica. “O filósofo(...) é alguém que perpetuamente começa”(MERLEAU-PONTY, 1999, p.11). Ele recusa toda cristalização da sua obra em sistema acabado e fechado. De fato, ele é destaque dentre aqueles que utilizaram a fenomenologia como método e filosofia.

Salientamos que filosofar e pensar para Merleau-Ponty não são sinônimos. Filosofar estaria mais voltado para um ato institucional, organizacional, para um segmento societário estabelecido, enquanto que o pensar seria um gesto livre, onde o sujeito nunca age ao seu bel prazer, porque não existe bel prazer em pensar, não se pensa



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

prazerosamente, pensa-se ardorosamente, pegando fogo. Portanto, a fenomenologia é uma atitude pensante dentro do sistema filosófico.

Podemos perceber, desde já, qual o sentido da Fenomenologia para Merleau-Ponty. Seu destino como nova maneira de filosofar depende da sua articulação com a existência concreta. Assim, entendemos como Merleau-Ponty, partindo do pressuposto hegeliano de que se deve começar pela “facticidade” existencial fenomenal humana, toma como ponto de partida o fenômeno do comportamento e nele erige a percepção como contato primeiro com o mundo. “Buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido a tema de discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.13)

Percebe-se que em Merleau-Ponty a questão é antes e sobretudo levada ao nível da percepção. Ele faz uso da fenomenologia da percepção. O perceber para ele seria um processo, um algo não acabado. Perceber não significa ver, perceber seria algo anterior. O ver implica em si um pensamento. Não há visão sem pensamento, ver já é pensar.

Portanto, não é preciso perguntar se nós percebemos verdadeiramente um mundo, é preciso dizer, ao contrário: “o mundo é aquilo que nós percebemos”. Segundo Merleau-Ponty (1999), buscar a essência da percepção é declarar que a percepção é não presumida verdadeira, mas definida por nós como acesso à verdade. “A evidência da percepção não é o pensamento adequado ou a evidência apodítica. O mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável.” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.14)

Merleau-Ponty aponta o viés da “sensação”, dos sentidos, como sendo uma outra parte da filosofia moderna, ou uma contraparte. Ele parte naturalmente deste viés para nos surpreender, a cada ponto, com aquilo que nos parecia e nos parece muito óbvio em termos gerais. Dizer que sentimos alguma coisa: eu sinto vermelho, eu sinto frio, calor, seria algo bestial, algo que faz jus as bestas, algo típico do animal. Nós preferimos passar por cima disso que sentimos para aderir cada vez mais àquilo que pensamos, ou que, pelo menos pensamos que pensamos.

Há uma inquietação de Merleau-Ponty com o já estabelecido. A busca dele consiste em abrir um novo campo de exploração, elegendo a sensação como um referencial decisivo. Toda a problemática do ser humano, segundo ele, se resume numa frase: “Eu sinto!”.

Nós queremos algo muito mais elaborado, parece que Merleau-Ponty está dizendo a todo tempo aquilo que já sabemos, “aquilo que é” – nós preferiríamos ouvir outra voz, no entanto ouvimos a mesma voz em Merleau-Ponty, vemos sempre a mesma tentativa de compreensão, de busca pelas essências, pelas coisas tais quais elas são.

A redução fenomenológica é, para Merleau-Ponty, fundamental, exatamente para que o método fenomenológico possa se realizar de uma maneira mais produtiva. Assim sendo, faz-se necessário a redução, uma vez que o objeto é muito amplo, genérico demais. Para que cheguemos à medula do objeto, de onde parte toda a intenção, é necessário aplicar a redução fenomenológica, sendo assim, capaz de chegar à essência deste objeto, a essência que vem a ser exatamente sua fonte de expansão.

A redução eidética seria a resolução de fazer com que o mundo apareça como ele é, esforço este que os fenomenologistas faziam ao procurar compreender as coisas, os fenômenos. As essências as quais eles procuravam estariam imbricadas nas mais diversas manifestações materiais, mas estas estariam cobertas, mascaradas, tentando passar, a partir de uma aparência falsa, de um sentido não verdadeiro, aquilo que talvez não fosse a verdade sobre o que elas são. A redução fenomenológica faz-se importante ao passo que, reduz o seu objeto, aproximando-o, buscando assim compreender a coisa tal como ela é, sem suas máscaras, sem suas representações simbólicas.

Um texto fundamental para a construção da sistematização do pensamento de Merleau-Ponty é um texto de Descartes (Meditações) – texto importante para a fenomenologia. Neste texto nós temos a eleição por Descartes da dúvida como sendo a fonte do pensamento. A dúvida elevada às últimas consequências, que possibilitaria um esclarecimento daquilo que queremos compreender. Um método rigoroso, de uma ciência rigorosa que pudesse levar a filosofia a tornar-se algo digno de se levar a sério – grande preocupação do final do século XIX, onde inúmeras referências se apresentavam: psíquicas, sociológicas, filosóficas, biológicas – fazendo do século XIX um momento bastante crítico.

A eleição da dúvida, como canal para se chegar a um método rigoroso, faz com que Descartes, se ponha a questionar até mesmo da ação de Deus, que poderia tentar nos enganar quanto as nossas percepções e sensações, portanto, para chegarmos a uma compreensão verdadeira, faz-se necessário não ter nada da qual possa nos levar a uma outra verdade sobre o nosso objeto. Deus não é totalmente confiável, se há um absoluto que rege as demais coisas, para Descartes é preciso duvidar até de Deus. Para chegar ao conhecimento profundo.

A dúvida em relação a tudo, a descrença em relação ao que está estabelecido, a tentativa de compreensão do óbvio, do truísmo, é isso que vai abrir todo o processo de construção da fenomenologia em Merleau-Ponty.

Crítica de Merleau-Ponty a ciência e a racionalidade instrumental



FÓRUM ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

FEPEG

UNIVERSIDADE: SABERES E PRÁTICAS INOVADORAS

Trabalhos científicos • Apresentações artísticas
e culturais • Debates • Minicursos e Palestras



24 a 27
setembro

Campus Universitário Professor Darcy Ribeiro

www.fepeg.unimontes.br

Merleau-Ponty era um crítico ferrenho da ciência e da racionalidade instrumental, vindo a colocar em cheque a autonomia do objeto e do sujeito. Segundo ele, não haveria um objeto puro e nem mesmo um sujeito puro. Coloca ainda que o mundo da ciência é um mundo fechado em si mesmo, no qual somente os cientistas se reconhecem, é um mundo construído, por um outro mundo igualmente artificial.

Ele é cético quanto à solução dos problemas da humanidade. Segundo ele, a racionalidade que para os iluministas traria a luz, tiraria a humanidade das trevas, não seria capaz de mostrar, a partir da razão, a solução para os problemas mais gerais da humanidade. A partir do momento que coloca a razão como fato principal para que as pessoas saiam de suas sombras, acaba por produzir monstros. O sonho da razão acabaria criando monstros.

Faz assim uma crítica ao Positivismo, onde segundo ele, toda a vontade de tirar o homem da escuridão, instrumentalização da razão, tirar o medo do homem, acaba resultando na transformação do homem numa coisa sem medo, rompimento total com o mundo mítico, rompimento com as transformações mais humanistas. O homem passa a se tornar um “algo” frio, uma máquina, vivendo num “mundo desencantado”. O esclarecimento é ao mesmo tempo uma libertação do homem, mas também uma condenação. Há todo um processo de desumanização.

Homem reduzido à máquina, homem pensado como máquina, que não se deve ater ao sentimento. Esse homem é fruto da ciência que tem uma relação com a razão muito superficial, para esta ciência a razão é apenas um instrumento – a razão está no estágio de instrumentalização.

Merleau-Ponty ao se concentrar nos dois mundos: mudo percebido x mundo da ciência, tenta compreender o lugar da ciência nesta nova configuração do humano. O que significa este novo humano? Seria o resultado da ciência, a forma como a ciência trata as coisas, as manipula e ao mesmo tempo renuncia a habitar estas coisas, ou seja, a ciência operando no mundo fechado onde só tem acesso os cientistas se recusa a conceber a amplitude do mundo, aquilo que ultrapassa seus próprios sentidos. Ao recusar esta amplitude, a ciência não abarca os fatos onde está situado o homem na sua natureza comum.

A ciência trabalha com o homem genérico, geral. Ela trabalha com um indivíduo como se este representasse o todo, ela não trata das peculiaridades de cada um.

Há um mundo objetivo, um mundo visível, mas esse mundo é precário, e insuficiente, constitui apenas uma superfície. Por baixo desse mundo há um mundo pré-reflexivo, pré-objetivo, selvagem. Esse mundo selvagem não teria sido ainda compreendido. A ciência teria dificuldade de ver este mundo pré-objetivo, porque ela tem uma cegueira, justamente porque todas as suas ações se atêm ao racionalismo. Houve uma saturação, uma devastação, que eliminou o humano, não há indícios de se pensar no homem de uma forma romântica.

Considerações finais

Merleau-Ponty mostra-se de forma brilhante no seu pensamento fenomenológico, na busca pelas essências, no esforço de voltar às coisas mesmas, tirando as máscaras, as roupagens que são colocadas sobre as coisas com a intenção de nos enganar; que o conhecimento estaria no mundo vivido. Pensamos a partir das realidades concretas, o mundo vivido é a base para o nosso pensamento. Salientamos ainda que a fenomenologia como método rigoroso que é, busca não explicar os fatos, mas sim compreendê-los.

A racionalidade científica moderna, segundo ele, estaria gerando anormalidades para o ser humano. Na medida em que os sentimentos, e as emoções, vão cada vez mais sendo dominados pela lógica da razão, os homens vão se esquecendo da sua fé, das suas crenças, vão se tornando máquinas, monstros. E é partindo dessa racionalidade instrumental que Merleau-Ponty manifesta a sua descrença em relação ao mundo, de que um dia a humanidade venha a conseguir superar os seus mais variados problemas.

Referências Bibliográficas

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.1-34

_____. **Ciências do Homem e Fenomenologia**. São Paulo: Saraiva, 1973, p.7-29.

_____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, cap. III e V.